

» IBGE

Mais de 1 milhão de jovens são inativos

Segundo o estudo, 5,37% dos brasileiros com idades entre 18 e 24 anos não trabalhavam, estudavam ou cumpriam afazeres domésticos em 2008. Nesse grupo, 943.675 eram homens e 300.344, mulheres

RIO – Mais de 1,2 milhão de jovens de 18 a 24 anos não exerciam, em 2008, nenhuma atividade produtiva no Brasil, segundo números apresentados ontem pelo IBGE na Síntese de Indicadores Sociais. Essa enorme inatividade juvenil atingia 5,37% dos 23.242.000 residentes dessa faixa etária no País e se deve, em boa parte, ao desemprego dos mais jovens.

Segundo o IBGE, a inatividade era maior no sexo masculino, com 943.675 homens que não trabalhavam, não estudavam e não ajudavam em afazeres domésticos, e 301.591 mulheres na mesma situação. Entre os rapazes, havia 300.344 inativos com idades de 18 e 19 anos que nada faziam e 643.335 de 20 a 24 anos. Entre as garotas, foram 88.209 na primeira faixa e 213.382 na segunda.

O grande número de jovens sem atividade produtiva chamou a atenção da pesquisadora Lara Gama, do IBGE, que trabalhou no capítulo referente a crianças, adolescentes e jovens da síntese lançada ontem. "Uma parte dessas pessoas sem atividade estava procurando emprego, cerca de metade dos homens que disseram não fazer nada estava nessa situação", diz. Lara

lembra que o IBGE limitou-se a apresentar aos entrevistados cinco opções de resposta – só trabalha, só estuda, trabalha e estuda, cumpre afazeres domésticos e não faz nada. Não perguntou, porém, o motivo da inatividade. "Outra parte pode ter deficiências, doenças ou simplesmente não têm uma ocupação, mas não é possível determinar o motivo."

Ela diz que a falta de atividades é menor no sexo feminino por vários motivos: as mulheres brasileiras estão entrando mais fortemente no mercado de trabalho e, quando não têm emprego, em geral se incumbem de tarefas domésticas.

Uma quantidade muito maior de jovens na mesma faixa etária, porém, declarou exercer atividades produtivas. Ao todo, 3.853.755 garotas e rapazes dessa idade, 16,58% do total, acumulavam trabalho e estudo. Outro grupo, formado por 3.236.267 pessoas, só estudava, enquanto 11.051.503 só trabalhavam. Na idade de 20 a 24 anos, eles eram mais da metade: 53,5%, o equivalente a 8.860.135.

MELHORIAS

A inatividade de parte expressiva dos jovens brasileiros se dá em um quadro de melhoria da distribuição de renda, embora com permanência de grandes níveis de desigualdade. "Tais melhoras podem ser atribuídas ao efeito de políticas públicas de transferência de renda implementadas nos últimos anos", afirma a Síntese de Indicadores Sociais, referindo-se a programas sociais como o Bolsa Família.

Outro dado positivo foi o avanço do rendimento dos jovens trabalhadores no período de 1998 a 2008. Na faixa etária de 16 a 24 anos, o percentual dos que ganham mais de um salário mínimo passou de 38,1% para 49,1%. E recuou a proporção de jovens que trabalhavam 45 horas ou mais por semana, de 38,9% para 28,8%.

O estudo também aponta a redução da população brasileira mais jovem. Em 1998, os jovens de 0 a 6 anos eram 13,2% da população, passando a 10,2% no último ano. Menos da metade da população brasileira (43,2%) estava na faixa de 0 a 24 anos, o que coloca o Brasil entre os países em processo de envelhecimento. Nos EUA, esse número é 34,3% e, no Japão, país com população mais velha, 23,4%.

Cresce presença de negros entre os mais abastados

RIO — Os brasileiros que se autodeclararam pretos ou pardos continuam sendo minoria no seletor grupo do 1% mais rico do País. Mas a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE registra que, em 10 anos, houve aumento de 8% para 15% na proporção dos que, dentro dessa elite econômica, identificaram-se como pretos ou pardos.

Tal faixa de renda tinha, em 2008, 1,8 milhão de pessoas, cuja renda familiar per capita média era de R\$ 7.259. Ninguém com rendimento per capita inferior a R\$ 4,4 mil estava nesse seletor grupo.

O pequeno avanço na distribuição da riqueza, no entanto, não aconteceu quando se analisam apenas os dados de pobreza. Entre os brasileiros que estão entre os 10% mais pobres, o percentual de autodeclarados pretos ou pardos no ano passado era de 74%. Uma década antes, essa proporção era ligeiramente menor (72%). No total da população, pretos e pardos representam pouco mais da metade (51%). Em 1998, eram 45%.

Para Ana Lúcia Sabóia, coordenadora da pesquisa, é preciso considerar que, como é o próprio entre-

vistado que diz ao pesquisador do IBGE qual é sua cor ou raça, esse aumento de pretos e pardos na elite pode estar refletindo também o fato de mais brasileiros entre os mais ricos estarem se identificando assim.

Para o sociólogo Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE, o mais provável é que o aumento nos autodeclarados pretos e pardos entre os 1% mais ricos seja resultado de maior mobilidade social. Ele destaca que, separando nesse grupo pretos e pardos, os primeiros representam 2%, e os demais, 13%. Em sua avaliação, se o aumento verificado fosse causado pela autodeclaração, o número dos que se consideram pretos seria maior que 2%.

Os dados do IBGE mostram também uma melhoria da escolaridade de pretos e pardos. De 1998 a 2008, a proporção desse grupo populacional com ensino superior completo no total de adultos (25 anos ou mais) passou de 2,2% para 4,7%.

A diferença para a população autodeclarada branca, no entanto, ainda é significativa, pois esse grupo populacional variou de 9,7% para 14,3% no mesmo período.

Mulheres estudam mais, mas seguem ganhando menos

RIO — As mulheres têm mais escolaridade, mas ganham menos em todas as posições na ocupação, revela a Síntese de Indicadores Sociais. Em 2008, na área urbana do País, a média de escolaridade das mulheres ocupadas foi de 9,2 anos de estudo, enquanto para os homens foi de 8,2 anos. Na área rural, a média de anos de estudo, “apesar de estar em patamares mais baixos”, também é favorável às mulheres (5,2 anos ante 4,4). Porém, em todas as posições na ocupação, o rendimento médio dos homens é maior que o das mulheres.

A maior diferença de rendimento médio é na posição de empregador, onde os homens auferem, em média, R\$ 3.161, enquanto as mulheres recebem apenas R\$ 2.497, “o que corresponde a dizer que as mulheres empregadoras recebem 22% a menos que os homens”, segundo a pesquisa.

O avanço das mulheres no mercado de trabalho e na educação também é destaque no estudo. Os avanços foram fortes sobretudo entre as mais jovens. Segundo a pesquisa, entre 1998 e 2008 aumentou de 64,8% para 68,5% a proporção de jovens de 20 a 24 anos do sexo feminino que estavam no mercado de trabalho.

Cai desigualdade entre ricos e pobres no Brasil

RIO – Em três anos, de 2006 a 2008, diminuiu muito rapidamente a distância entre os dois extremos de rendimentos da sociedade brasileira, o que reduziu a desigualdade social no País, apontou a Síntese de Indicadores Sociais. A melhoria na renda contrasta com dados referentes a bens e serviços: apenas 61% dos domicílios brasileiros tinham simultaneamente, no ano passado, água encanada, coleta de esgoto e de lixo e iluminação elétrica.

Em 2006, a razão entre a renda familiar per capita dos 20% mais ricos e dos 20% mais pobres era 20,2, ou seja, o grupo mais rico ganhava 20,2 vezes a renda do mais pobre. No ano seguinte, essa relação caiu a 18,7. Em 2008, chegou a 18. O nível ainda é alto (em países desenvolvidos, fica em torno de 4 a 6), mas já mostra redução na desigualdade entre os brasileiros, segundo Ana Lucia Saboia, coordenadora-geral do estudo.

O IBGE também apurou que caiu a proporção de pessoas com rendimento familiar per capita abaixo de 60% do mediano. Como foi estimado em R\$ 415, os 60% eram R\$ 249 no ano passado – essa medida serve para mensurar a pobreza dos grupos sociais. Em 2006, 37,3% ganhavam menos que essa fronteira. Em 2007, 36,1%. No último ano, 33,8%. Também caiu, entre 2001 e 2008, o diferencial entre o rendimento familiar mensal per capita das famílias dos 10% mais ricos em relação aos 40% mais pobres (de 22,1 para 16,8).

Os números foram comemorados pelo diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Néri. Ele lembrou que a queda começou em 2001 e se acentuou a partir de 2004, porque se associou ao crescimento econômico. “Não era mais como em 2001, quando o bolo caiu e a parte dos pobres caiu menos.” Os problemas de distribuição de renda, porém, continuam. Enquanto o rendimento familiar médio ficou em R\$ 720, metade das famílias vivia com menos de R\$ 415 – salário mínimo vigente em setembro de 2008.

» INDICADORES SOCIAIS DO IBGE

Educação

» Anos de estudo de pessoas com 25 anos ou mais

1998	5,6
2008	7

» Jovens de 15 a 17 anos no ensino médio

1998	30,4%
2008	50,6%

» Jovens de 18 a 24 anos com ensino médio completo

1998	18,1%
2008	36,8%

» População com 25 anos ou mais sem ensino fundamental completo

1998	65,3%
2008	50,2%

» Crianças de 9 anos analfabetas

1998	14,2%
2008	7,8%

» Atividade dos jovens de 20 a 24 anos em 2008

Só estuda	9,2%
Trabalha e estuda	15%
Só trabalha	53,5%
Afazer domésticos	17,1%
Nenhuma atividade	5,2%

Cor ou raça

» Autodeclarados pretos ou pardos

	1998	2008
No total	45,2%	50,6%
Nos 10% mais pobres	72,2%	73,7%
No 1% mais rico	8,2%	15%

» Taxa de analfabetismo

Branca	6,2%
Preta	13,3%
Parda	13,7%

» Taxa de analfabetismo funcional (primário incompleto)

Branca	15,8%
Preta	25,5%
Parda	26,3%

» Crianças e adolescentes em famílias em situação de extrema pobreza (menos de 1/4 salário mínimo per capita)

1998	27,3%
2008	18,5%



Domicílios e famílias

» Número médio de pessoas por domicílio

1998	3,8
2008	3,3

» Proporção de domicílios com mais de uma família convivendo

1998	7,0%
2008	5,1%

» Proporção de domicílios com apenas um morador

1998	8,4%
2008	11,6%

Desigualdades por Região

» Taxa de fecundidade (média de filhos por mulher)

Brasil	1,89
Pernambuco	2,21
Norte	2,37
Nordeste	2,12
Sudeste	1,63
Sul	1,88
Centro-Oeste	1,91

» Taxa de mortalidade infantil (em mortes de bebês até um ano por mil nascidos vivos)

Brasil	23,6
Pernambuco	37,1
Norte	24,2
Nordeste	34,4
Sudeste	17,1
Sul	15,6
Centro-Oeste	18,3

» Esperança de vida ao nascer (em anos)

Brasil	73,0
Pernambuco	68,7
Norte	71,9
Nordeste	70,1
Sudeste	74,3
Sul	75,0
Centro-Oeste	74,0